

Literatura de autoria negro-feminina no mercado editorial do norte do Brasil: silenciamento e resistência

Literature By Black Female Writers in The Publishing Market Of Northern Brazil: Silence and Resistance

Mylena da Silva Pinto dos Santos¹

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues²

Resumo: Partindo de um mapeamento realizado por nós em catálogos de editoras situadas na região norte do Brasil, este artigo busca entender como se dá a presença (ou ausência) de escritoras negras no mercado editorial nortista brasileiro. O recorte regional assinala a consciência das clivagens econômicas e sociais que assinalam esta porção do território brasileiro e aponta a necessidade de se entender como as relações étnico-raciais e de gênero se apresentam no campo literário em uma região que oblitera ou mascara seu passado colonial, o que ocasionalmente dificulta a sua identificação com a ancestralidade e alheia suas narrativas. Nesse intuito, a pesquisa buscou responder se há literatura de autoria negro-feminina circulando no mercado editorial nortista e como essa produção se caracteriza. Para tanto, adotou-se pesquisa documental, visando coletar dados registrados eletronicamente, especialmente nos sites das editoras. Os resultados indicam, ainda que baixa, uma recente incidência de autoria negro-feminina no mercado editorial de cunho ficcional dentro da região Norte do país.

Palavras-chaves: Mercado editorial; Norte brasileiro; Autoria; Literatura negro-feminina.

Abstract: Based on a mapping exercise conducted by us in catalogs of publishers located in the northern region of Brazil, this article seeks to understand how the presence (or absence) of black female writers occurs in the northern Brazilian publishing market. The regional analysis highlights the awareness of the economic and social divides that characterize this portion of the Brazilian territory and points to the need to understand how ethnic-racial and gender relations are presented in the literary field in a region that obliterates or masks its colonial past, which occasionally makes it difficult to identify with its ancestry and alienates its narratives. To this end, the research sought to answer whether there is literature by black female authors circulating in the northern publishing market and how this production is characterized. To this end, documentary research was adopted, aiming to collect data recorded electronically, especially on the websites of the publishers. The results indicate, although low, a recent incidence of black female authorship in the fictional publishing market within the northern region of the country.

Keywords: Publishing market; Northern Brazil; Authorship; Black-feminine literature.

¹ Graduanda em Letras – Língua e Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM). E-mail: mylena.ufam@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4696-1401>

² Professora Adjunta no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Amazonas. E-mail: adrianaaguiar@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2192-9981>

Introdução

A partir da segunda metade do século XX, um movimento de contraposição ao projeto racista modernista nascia, ancorado pela ampliação das lutas do Movimento Negro e pelos recentes debates acadêmicos que acendiam a necessidade de se considerar uma literatura brasileira de autoria negra. Desde então, estimulados também pela aprovação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, aumenta-se a produção e o consumo dessas obras e iluminam-se pesquisas diversas (Duarte, 2014; Santos, 2018; Miranda, 2019; Oliveira; Rodrigues, 2022) que buscam reposicionar o negro, social e culturalmente, divergindo de resgates racistas românticos propagados livremente na primeira metade do século. Ainda que desproporcional à produção de livros em vigor, e em menor escala, destaque nas pesquisas acadêmicas, o crescimento havia sido significativo e certamente colocou a literatura negra (Cuti, 2010) em destaque, como nunca antes visto.

Não obstante os resultados significativos, o tempo revelou que publicações de livros por escritores com esse perfil continuavam largamente descomunal e os números eram ainda mais discrepantes em relação às mulheres, sobretudo as romancistas (Dalcastagnè, 2012). Em *Silêncios PrEscritos*, Fernanda Miranda (2019) revela-nos a escassa produção literária (conhecida) de autoria (negra) feminina desde a segunda metade do século XIX, o que faz com que passemos a refletir sobre o mercado editorial e sua seleção por cor, por gênero, por região, favorecendo as tendências do mercado. Essa segregação continua permitindo que pretos e pretas tenham suas narrativas silenciadas (Dalcastagnè, 2012; Miranda, 2019).

Por outro lado, como resposta e como ato de resistência, localizam-se algumas ações editoriais, em nível nacional, que buscam colocar no centro de suas ações o protagonismo da literatura negro-brasileira, objetivando a ampliação do debate étnico-racial e de gênero, colaborando para um cenário mais plural, diversificado, e para o enriquecimento do próprio mercado editorial brasileiro. Este é o caso da editora Malê, fundada no Rio de Janeiro em 2015, que viabiliza a publicação de obras da literatura negra, com destaque especial às mulheres, que compõem o corpo editorial, como Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Eliane Alves Cruz, a já citada Fernanda Miranda, e outras. E como nunca se pôde emudecer a vontade de fazer literatura, novas editoras vão surgindo para dar vez a temáticas pouco exploradas ou desconhecidas pelo grande público.

Na região Norte do Brasil, iniciativas regionais, privadas, emolduram cenários favoráveis a publicações de autores locais, seja na recuperação de clássicos Amazônicos, seja na publicação de obras originais. Conhecer e entender como se dá, em termos étnico-raciais e de gênero, a ampliação deste mercado no Norte do país, é nosso objeto primeiro, notadamente, no que diz respeito a obras publicadas, de autoria de mulheres negras oriundas da região e quais temáticas se destacam nestes escritos. A escolha do tema e do recorte ocorre em razão do que já foi citado, mas também por uma questão particular, a saber, a negação histórica da escravidão e da presença negra na cultura amazonense e em outros estados da região Norte (Benchimol, 1999; Sampaio, 2011). Tal falácia, amplamente propagada, renova um sistema racista estrutural, que se verifica na invisibilidade, negação e exclusão de sujeitos negros, produtores de cultura, na história da construção da Amazônia.

A esse respeito, Patrícia Melo Sampaio, organizadora do livro *O Fim do Silêncio: presença negra na Amazônia* (2011), subverte o silenciamento, contribuindo para a construção de um novo olhar sobre a memória histórica de afrodescendentes nestas terras do Norte. A obra desmistifica a noção de que a abolição se deu de forma pacífica e que a alforria teria sido uma cortesia da sociedade amazonense. Entre diversos temas, ela e os demais autores da obra intercalam a presença do negro no passado e no presente, expondo a continuidade de sua existência e resistência, possibilitando rasgar o véu racista da sociedade. De tal forma, o livro nos devolve aos ombros a responsabilidade e a dívida para com negros e negras amazônidas.

A obra de Samuel Benchimol, *Amazônia: formação social e cultural* (1999), dialoga com as discussões trazidas por Sampaio, notadamente no que se refere ao resgate da cultura negra na Amazônia, evidente em “Influência afro-brasileira”. Neste capítulo, o autor discute também acerca da condição da mulher negra em relação ao homem negro na colônia e a dupla violência sofrida por elas: racial e de gênero. Ao homem negro, a melhoria no *status social* se dava a partir da educação escolar, formação profissional, acesso ao ensino superior, inserção na política etc. À mulher, por outro lado, as chances de ascender socialmente eram ainda menores e limitadas à condição de “alcova, mancebia e casamento, quando conseguia e tinha a sorte de arranjar parceiro branco, de posses e bem de vida” (1999, p.106), ou seja, mesmo que o homem e a mulher estejam equiparados no que se refere ao estatuto étnico-racial, a violência contra esses corpos se acentua ainda mais no gênero feminino.

Nesse contexto, este artigo é fruto de uma desejo-necessidade de investigar, a partir de sua produção literária ficcional, a presença da autoria negro-feminina no Norte de um Brasil que há mais de 200 anos deixou de ser colônia. Para isso, investigamos a existência de editoras nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Seleccionamos as que possuíam o perfil de publicação desejado e, por fim, mapeamos as escritoras e seus escritos.

1 Prescrutando o universo editorial do Norte do Brasil: o que nos dizem os catálogos?

A pesquisa, por nós realizada entre agosto de 2023 e julho de 2024, teve como foco, na primeira etapa, a identificação de editoras em cada estado da região Norte do Brasil. Essa busca foi realizada com recursos de plataformas de pesquisa *online*, como *Google* e suas extensões (*Google Maps*, *Chrome*, *Drive* etc). Buscamos, após a identificação das editoras, coletar e analisar, quanto a autoria literária negro-feminina, os catálogos editorais, registrados eletronicamente no site de cada uma delas. Além destes sítios de procura, outras fontes foram de grande importância para a composição do *corpus* de pesquisa, uma vez que redes sociais como *Facebook* e *Instagram* tornaram-se ferramentas de trabalho nos últimos anos. No caso das editoras, algumas vezes, esse recurso não funciona apenas como meio de divulgação, mas também de distribuição, de vendas, principalmente para aquelas que não possuem *site*.

Ainda sobre os catálogos das editoras em seus endereços eletrônicos, vale mencionar que nem sempre eles estavam disponíveis, de forma organizada. Em alguns casos, fomos redirecionadas para *sites* de vendas ou para listas de obras em arquivos no *google drive*. Outros percalços também se impuseram, tais como: páginas que ficavam fora do ar com frequência, prejudicando o acesso à informação; filtros escassos, que dificultavam o acesso a obras mais antigas ou a determinados temas; e barra de pesquisa que, mesmo com o catálogo aberto, não localizava títulos/autores(as), mas sim toda e qualquer menção à palavra-chave no *site*.

Ao final das buscas, identificamos 44 editoras, listadas no quadro abaixo em ordem alfabética dos estados, seguida da categoria de cada editora, definida a partir do nicho central de atuação.

Quadro 1 – Identificação das editoras por estado da região Norte do Brasil

Editora	Categoria(s):
Acre	
Editora IFAC (Instituto Federal do Acre)	Universitária
Editora NEPAN (Núcleo de Estudos das Culturas Amazônicas e Pan-Amazônicas)	Científica
Stricto Sensu	Científica
Editora e produtora Som Poético	Ficção
EDUFAC (Editora da Universidade Federal do Acre)	Universitária
Amapá	
EDIFAP (Editora do Instituto Federal do Amapá)	Universitária
Editora UNIFAP (Editora da Universidade Federal do Amapá)	Universidade
Amazonas	
Valer	Ficção; não-ficção
EDUA (Editora da Universidade Federal do Amazonas)	Universitária
Editora UEA (Universidade Estadual do Amazonas)	Universitária
Amazônia et.al	Científica
Editora INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia)	Científica
BK	Ficção; não-ficção
Reggo	Ficção; não-ficção
Sello y Seal	Não-ficção
Alfa	Educação
Formato 2	Educação
Palavra da Terra	Ficção; não-ficção; educação
Toque do Saber	Educação
Polaris	Encerrada
Transe	Ficção; não-ficção
Pará	
Paka-Tatu	Ficção; não-ficção
Itacaiúnas	Científica
Neurus	Científica
Folheando	Ficção; não ficção
Parágrafo	Encerrada
Editora NAEA (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos)	Científica
Editora da UEPA (Universidade do Estado do Pará)	Universitária
Cabana	Científica; não-ficção
Amo!	Ficção; não ficção
ED.UFPA (Editora da Universidade Federal do Pará)	Universitária
Rondônia	
Imediata	Educação
EDUCAR (Editora da Universidade Católica de Roraima)	Universitária

Editora MPRO (Ministério Público do Estado de Rondônia)	Científica
Temática	Ficção; não-ficção
EDUFRO (Editora da Universidade Federal de Rondônia)	Universitária
Roraima	
Wei	Ficção; não-ficção
IOLE	Científica
EDU-FRR (Editora da Universidade Federal de Roraima)	Universidade
Tocantins	
Nagô	Científica; ficção; não-ficção
EDUFNT (Editora da Universidade Federal do Norte do Tocantins)	Universitária
Editora Unitins (Universidade Estadual do Tocantins)	Universitária
Editora Veloso	Ficção; não-ficção
EdUFT (Editora da Universidade Federal do Tocantins)	Universitária

Fonte: Elaboração das autoras, 2024.

Para classificá-las, de modo geral, definimos seis filtros: “universitária”, “educação”, “científica”, “encerrada”, “ficção” e “não-ficção”. Esses classificadores nos ajudarão a compreender os gêneros recorrentemente publicados e como se caracterizam os espaços de publicação de literatura ficcional na Amazônia, nosso interesse maior. Como se nota, há 14 editoras universitárias e 5 editoras que são categorizadas como “educação”, assim consideradas por produzirem material de cunho didático-pedagógico.

No que diz respeito às doze editoras “científicas”, elas recebem essa classificação por terem como objetivo a disseminação da ciência e a publicação de trabalhos acadêmicos, ainda que não possuam vínculo com instituições de ensino superior. Há ainda outras duas editoras cuja classificação consta como “encerrada”: Polaris (do Amazonas) e Pará.grafo (do Pará). A primeira foi uma iniciativa de três jovens que almejavam a publicação de títulos contemporâneos e inéditos. No entanto, foi encerrada na segunda publicação, em 2019. Já a Pará.grafo publicou obras originais e reedições de clássicos amazônicos, encerrando suas atividades em 2023. Ainda que estas não mais façam parte das possibilidades de publicação de escritores nortistas, lembrá-las significa trazer para o presente as dificuldades de manutenção desses empreendimentos. Algumas iniciativas podem sobreviver por anos, outras consolidam-se e outras são engolidas pelo baixo retorno financeiro, que culmina em um baixo investimento e, também, pelo domínio de mercado por editoras maiores.

Até aqui é possível notar que, das 44 editoras listadas, 33 já foram mencionadas. As 11 restantes, por sua vez, são classificadas como de “ficção/não ficção”. As que possuem eixo de ficção são: Som Poético, Valer, BK, Reggo, Transe, Paka-tatu, Amo!, Temática, Wei, Veloso. Sello y Seal é a única que publica gêneros diversos e, por isso, foi identificada no quadro como não-ficção. Há, ainda, editoras nesse grupo que possuem mais de um eixo de publicação, sendo um deles a ficção, são elas: Palavra da Terra, Folheando e Nagô. Identificar o seguimento de cada editora se deu com a análise dos catálogos e a descrição fornecida pelas mesmas. Essa estratégia nos permitiu filtrá-las e seguir com as editoras comerciais voltadas à publicação de literatura de ficção.

Apesar de não estar presente no quadro, é necessário mencionarmos a editora O Zezeu, que, anteriormente, era apenas revista e, em maio de 2024, lançou-se como editora, buscando contribuir com o cenário literário local do estado Amapá. Optamos por não a incluir no quadro, uma vez que o achamento se deu em período contemporâneo à escrita deste artigo, quando os dados já estavam sistematizados. Contudo, a editora lançou, em agosto de 2024, seu livro de estreia, intitulado *Antologia Muruwakã: poetas do Amapá*. A obra conta com mais de 60 poetas amapaenses e organização de Silvio Carneiro, proprietário da editora. Ainda que ela não esteja presente nas etapas seguintes da pesquisa, a emergência de sua inclusão cabe a uma importante menção, uma vez que não havia editoras comerciais no Amapá.

2 Acerca de uma presença-ausência étnico-racial e de gênero no mercado editorial nortista brasileiro: ser mulher, ser negra, ser escritora

Se, de quase 44 editoras mapeadas, apenas 13 possuem ficção em seus catálogos e, se somadas todas as publicações, tem-se o total de 2.140, sendo 1.332 apenas de uma editora, a tendência é que esses números afunilem ainda mais. Em conformidade a isto, destacamos apenas as obras que se configuram como ficção e poema, intencionando gerar os dados que serão submetidos à análise de gênero: são apenas 681 do total de publicações encontradas. Uma diferença de, pelo menos, mil e quatrocentos livros.

Uma vez levantados e filtrados, os catálogos editoriais foram submetidos a uma revisão de gênero, isto é, quantas obras de autoria feminina e masculina estão presentes e se eles se equiparam. Nesta etapa, extraímos dados comparativos, com a finalidade de obter um parâmetro

sobre a frequência de publicação e se as autorias se repetem, principalmente a feminina. Simultânea a essa etapa, foi realizado o levantamento das autoras, informação que será importante adiante, devido à segmentação étnico-racial que perpassa esse estudo. Os dados presentes foram sistematizados no quadro 2 abaixo.

Quadro 2 – Obras de ficção, de autoria feminina e masculina, nos catálogos editoriais nortistas

Editoras	Nº de obras de ficção	Nº de textos de autoria masculina	Nº de autores	Nº de textos de autoria feminina	Nº de autoras
Editora e Produtora Som Poético	1	1	1	0	0
BK Editora	2	1	1	1	1
Editora Palavra da Terra	9	8	5	1	2
Editora Reggo	6	5	5	1	1
Editora Transe	6	2	2	2	2
Editora Valer	161	136	96	23	20
Amo! Editora	78	50	27	26	21
Editora Folheando	238	166	153	70	68
Editora Paka-Tatu	118	89	62	25	22
Temática Editora e cursos	20	14	10	5	5
Wei Editora	13	7	7	5	6
Editora Veloso	16	8	6	3	2
Nagô editora	13	5	4	5	5
Total	681	492	379	155	155

Fonte: Elaboração das autoras, 2024.

O quadro apresenta a quantidade de obras por editora e a quantidade de obras de autoria masculina e de autoria feminina. Nem sempre que se somam as duas últimas colunas, tem-se o resultado do número de obras. Isso se deve ao fato de algumas obras corresponderem a coletâneas de prosa ou poesia, livros escritos por coletivos ou dupla autoria em que os gêneros divergem. Dessa forma, optamos por registrar nas últimas colunas, autorias plenamente femininas ou masculinas.

Para além dessas ressalvas, é perceptível que o número total de publicações de autoria feminina está abaixo do referente à autoria masculina. Mesmo nas editoras com menos publicações de ficção, como a Som Poético, BK, Palavra da Terra, Reggo e Transe, nem sempre há uma distribuição equitativa. A Som Poético possui uma obra (de autoria masculina); a BK 2, e uma delas é escrito por uma mulher; a Transe possui 6, mas 2 de autoria masculina e duas de autoria feminina. Já as editoras Palavra da Terra e Reggo possuem, cada uma, uma publicação de autoria feminina, em um catálogo com nove e seis obras, respectivamente.

Em catálogos contendo de dez a vinte publicações, não há diferenças maiores. Na editora Wei, sete obras são de autoria masculina, enquanto apenas cinco são de autoria feminina. Na Veloso, oito masculinas e três femininas. Na temática, um número mais expressivo, de catorze a cinco. Uma leve modificação nesse quadro apresenta a editora Nagô, do Tocantins, com cinco obras de autoria masculina e cinco de autoria feminina. Enquanto isso, as editoras que detêm uma quantidade expressiva de publicações, Valer, Amo!, Folheando e Paka-Tatu, repetem a tendência em possuir um maior número de obras de autoria masculina.

Uma importante característica dos catálogos editoriais, que foi notada ao realizarmos os apontamentos do gênero, é que, em editoras com número de obras mais expressivo, é mais comum que um homem volte a publicar pela mesma do que uma mulher. Considerando apenas esse aspecto, tem-se que, dentre elas, apenas 14 possuem mais de um livro pela mesma editora, distribuindo-se em 31 obras. Já entre eles, 57 autores se distribuem em 170 obras.

O percurso envolvido no levantamento, filtragem e análise desses dados foi indispensável para que chegássemos às escritoras negras publicadas em editoras do Norte. Da mesma forma que se deu o levantamento das editoras e catálogos, deu-se esta etapa (com particular demora). Isso aconteceu devido à dificuldade em encontrar informações sobre as autoras, principalmente aquelas que publicaram por meio de editoras cujos catálogos possuem menor número de obras. Com a lista de todas as autoras encontradas nos treze catálogos editoriais levantados, demos início, então, a uma busca mais segmentada, complementada por investigação a partir dos nomes de cada uma delas em sites no *Google* e em redes sociais.

Não custa enfatizar que os quantitativos até aqui expostos indiciam as mais diversas faces da questão editorial na Amazônia brasileira, tornando evidente carências distintas, que vão desde a procura pelas editoras até o perfil de autoria presentes em seus catálogos. Os abismos acentuavam-se a cada nova etapa concluída, o que colabora para nos situarmos quanto à ausência/presença delas na produção editorial nortista brasileira.

Outra dificuldade enfrentada, que se relaciona com a precariedade de acesso a informações dessas autoras, foi a de vê-las por meio de vídeos ou fotos. Esse tópico, em especial, é fundamental para a execução desta pesquisa, uma vez que a nossa procura contém recorte de gênero e raça. Das 155 autoras mapeadas nos catálogos editoriais, no caso de apenas 8 delas não foi possível levantar dados suficientes para apontar uma leitura racial. Mediante a estes contratemplos, outro desafio parecia se nos impor ao delinear o perfil das autoras, a

saber: a definição de pertencimento étnico-racial preto e pardo no Brasil. Dada a impossibilidade de nos aprofundarmos, nesse curto espaço, nessa discussão, vale mencionarmos as pesquisas e os argumentos de intelectuais como Darcy Ribeiro, em *O povo brasileiro* (2023), Kabenguele Munanga, em *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (2019), Neusa Santos Sousa, em *Tornar-se negro* (1983), além de outros trabalhos, como os de Tereza Araujo, “A classificação da cor nas pesquisas do IBGE” (1987), e de Sansone, “Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda” (1996).

No que diz respeito à classificação adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), gostaríamos de frisar que os dados do Censo 2022 dão conta de que a região Norte do estado brasileiro é majoritariamente parda, uma vez que 67,2% dos participantes da pesquisa se autodeclararam dessa maneira. Neste mesmo recorte, os pretos são 8,8%. Nesse cenário, o termo “pardo”, para o IBGE, refere-se àqueles sujeitos que se identificam como a mistura de duas ou mais raças. Acerca desse debate, o Movimento Negro procura, desde os anos 1970, criar um ambiente para que a identidade parda, descendente de negros, e negra possa ser lida em uma mesma classificação, sem que um seja interpretado como negativo do outro. Tendo isso em consideração é que compusemos a lista com as autoras (incluindo as pardas) a serem consideradas no nosso levantamento.

Assim, com base nessa discussão, o quadro 3, abaixo, sistematiza o nome das autoras negras presentes nos catálogos editoriais, em qual editora as localizamos, de qual estado são essas editoras, título das obras, se prosa ou poesia, e o ano de publicação desses textos.

Quadro 3 – Presença de autoras negras nos catálogos editoriais nortistas brasileiros

Autora	Editora	Estado	Obra	Texto	Ano
Márcia Antonelli	Transe	AM	<i>Hematofilia</i>	prosa	2024
Danielle Soares	Valer	AM	<i>Guri, o garoto que amava a lua</i>	prosa	2014
			<i>Meninos árvores</i>		2020
			<i>Conversa de Nuvens</i>		2022
Laura Nogueira	Amo!	PA	<i>Porque uma flor é grito matéria</i>	poesia	2021
Lúcia Helena Alfaia	Amo!	PA	<i>As mães de teçá</i>	prosa	2023
Telma Cunha	Amo!	PA	<i>Voo de borboleta</i>	poesia	2021
	Paka-Tatu		<i>A cadeira mágica</i>	prosa	2017
			<i>A menina dos olhos arco-íris</i>	prosa	2022

			<i>Pérola oculta e outros poemas</i>	poesia	2019
Ana Simony Oliveira	Folheando	PA	<i>Água de Caju</i>	prosa	2024
Beatrice Medrado	Folheando	PA	<i>Morde a maçã e sorri enquanto é envenenada</i>	poesia	2022
Fernanda Lima de Paula	Folheando	PA	<i>Depois da emoção nenhuma cautela</i>	poesia	2022
			<i>O jardim das delícias poéticas</i>		2024
Lavínia Mendes	Folheando	PA	<i>Fruta Mordida, perfume da mata</i>	poesia	2023
Marcilene Silva da Costa	Folheando	PA	<i>Amazina poemas de chuva</i>	poesia	2022
Sophia Pinheiro	Folheando	PA	<i>O castigo de Eva</i>	poesia	2024
Dayane teixeira	Folheando	PA	<i>Corpo concha</i>	poesia	2023
Sueli Marques Ferraz	Nagô	TO	<i>Contos dos Sertões – saudades, tristeza e amor</i>	prosa / poesia	2021
Jardilene Gualberto	Nagô	TO	<i>As descobertas de Dandara</i>	prosa	2015

Fonte: Elaboração das autoras, 2024.

São 14 autoras negras, o que corresponde a apenas 9% do total de 155 autoras de ficção e a apenas 3,6% do total de autores de ficção identificados nos catálogos. Essas autoras estão distribuídas em 6 editoras, de 3 estados, com um total de 20 obras (o que corresponde a somente 2,9% do total das obras de ficção encontradas nos catálogos). A publicação mais antiga data do ano de 2014 e, as mais recentes, do ano de 2024. Os números indicam, portanto, uma presença negro-feminina muito discreta no mercado editorial da região. Além disso, trata-se de um movimento recente, posto que, das 20 obras, 15 foram lançadas nesta década.

Ainda, é notório que elas são muito mais poetisas do que prosadoras, quando não são os dois no mesmo livro, como é o caso de *Contos dos Sertões*, de Sueli Ferraz. E, dentre esses poucos livros de prosa, incidem mais os de literatura infantil, como é o caso de *Guri, o garoto que amava a lua*, *Meninos árvores*, *Conversa de nuvens*, de Danielle Soares; *As mães de teçá*, de Laura Nogueira; *A cadeira mágica*, *A menina dos olhos de arco-íris*, de Telma Cunha; e *As descobertas de Dandara*, de Jardilene Gualberto. Também não são todas elas que publicaram na mesma editora mais de uma vez.

Outro apontamento relevante é que a maioria das autoras são oriundas de editoras paraenses, mas é necessário mencionar que não são todas elas residentes no Norte. Ana Simony

Oliveira e Fernanda Lima de Paula, por exemplo, são do Rio Grande do Sul; Lavínia Mendes e Beatrice Medrado são da Bahia; enquanto Dayane Teixeira é do Ceará. A observação vem apenas em decorrência do local de publicação versus endereço fixo dessas autoras. Danielle Soares reside em Portugal, mas seus lançamentos ocorrem no seu estado de origem. Da mesma forma, Sophia Pinheiro é do Amapá, mas publica no Pará. Esses dados nos chamaram atenção, pois acaba sendo mais comum que os autores e autoras do Norte conquistem espaços para publicação de seus escritos em outros estados, onde há maior número de editoras.

Identificadas as autoras, buscamos esboçar breves apresentações sobre elas, a partir de informações encontradas em seus perfis nas redes sociais, páginas das editoras, matérias (principalmente veículos de informação locais) e currículo *lattes*. Ana Simony Oliveira é do Rio Grande do Norte, com mestrado em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pela editora Folheando, publicou o seu livro de estreia, *Água de Caju*, obra composta por crônicas. Seus temas permeiam as relações humanas e culturais e o luto.

Beatrice Medrado é poeta baiana, graduada em ciências sociais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Pela editora Folheando, publicou *morde a maçã e sorri enquanto é envenenada*. É também autora de *Pingos de sangue não alimentam ninguém*, *Dramas plantados em solos estéreis* e *Os afetos em nós*, este em coautoria, todos de poesia. Seus temas se voltam para a arte, identidade e violência de gênero.

Danielle Soares é parintinense (AM), formada em filosofia pela Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra. É autora de *Guri, o garoto que amava a lua*, *Meninos árvores* e *Conversa de Nuvens*, todas pela editora Valer. Mora atualmente em Portugal. Para ela, a escrita é herança da avó, que inspirou o seu reconhecer-se como escritora e contadora de histórias. Seus temas abrangem o filosófico, a criança e a fantasia.

Dayane Teixeira é cearense, graduada em Letras pela Universidade Paulista, com pesquisa sobre Literaturas Africanas, negro-brasileira e indígena brasileira. Pela editora Folheando, publicou *Corpo concha*, obra poética com temática indígena e preta. Seus temas dialogam com suas linhas de pesquisa, bem como com as suas vivências, buscando uma conexão com suas ancestralidades.

Fernanda Lima de Paula é de Porto Alegre, graduada em letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, com especialização em história da arte pela Faculdade de Brasília. Pela editora Folheando, publicou *Depois da emoção nenhuma cautela*,

livro de poesia, além de *O jardim das delícias poéticas*, com previsão de lançamento para 2024. Seus temas vagueiam entre a arte poética, memória e metalinguagem.

Jardilene Gualberto é remanescente da comunidade quilombola Lajeado, em Dianópolis (TO), doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Amazônia na Universidade Federal do Tocantins. Pela editora Nagô, publicou *As descobertas de Dandara*, obra voltada ao público infantil, que busca estimular o debate étnico-racial. Seus temas estão centrados na cultura, diversidade étnica, criança e afrodescendência.

Laura Nogueira é altamirense (PA), mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. É autora de *Porque uma flor é grito matéria*, pela Amo! Editora, pelo qual foi premiada 9 anos antes, em 2012, pela Academia Paraense de Letras. Além deste, é autora de *Habitamos sem rosto*, pela editora Patuá. É professora e tem a poesia como parte de seu corpo. Os temas que explora se voltam para a natureza humana, filosofia e metalinguagem.

Lavínia Mendes é de Utinga, na Bahia, e possui mestrado em Ensino-aprendizagem em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Pela editora Folheando, publicou *Fruta mordida, perfume da Mata*, um livro de poesia, mas também possui outras publicações: *Riacho me chama de chão*, *Sexualidade à flor da língua* e *Rascunhos de minh'alma*. É idealizadora do projeto Cria Gueto Cria, que visa pensar e a presença das mulheres negras na literatura. Os principais temas de suas obras celebram o amor, o erotismo, a ancestralidade e o afrofuturismo.

Lúcia Helena Alfaia é obidense (PA), mestra em Diversidade Sociocultural pelo Museu Paraense Emílio Goeldi. É autora de *As mães de teçá*, pela editora Amo!, tendo colaborado também para a coletânea *Apanhadores de histórias*, na mesma editora. A sua trajetória acadêmica abrange pesquisas voltadas à oralidade e memória, sendo ela idealizadora do projeto “Afro-Saberes: memórias e narrativas africanas e afro-brasileiras”, temas vinculados à sua produção literária, voltada à valorização da cultura indígena por meio de histórias infantis.

Márcia Antonelli é manauara (AM) – transcritora (trans + escritora), como prefere dizer –, formada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas. *Hematofilia*, obra presente neste levantamento, é seu primeiro lançamento de 2024 pela Editora Transe. A autora, porém, tem uma trajetória na literatura, desde sua participação como colaboradora e editora na revista *Sirroze*, nos anos 2000, até a produção independente de *zines*. Seus temas exploram a vida marginal, questões ligadas a classe, gênero, sexualidade.

Marcilene Silva da Costa é de Santa Izabel do Pará (PA), doutora em Antropologia Social e Histórica pela Universidade Toulouse Jean Jaurès, da França, e trabalha como professora de língua portuguesa e cultura brasileira. Suas pesquisas se voltam para a literatura, racialidade, racismo, entre outros temas. Pela Editora Folheando, publicou *Amazina poemas de chuva*, seu primeiro livro de poemas. Os temas abrangem identidade, corpo, gênero e amor.

Sophia Pinheiro é poeta e mulher trans, como se define, nascida no Amapá. Em 2022, a partir da produção da releitura de um poema de Carlos Drummond de Andrade, tornou-se poeta. Pela Editora Folheando, publicou *O Castigo de Eva* em 2024, uma coletânea de poemas. Seus temas tratam da subversão dos papéis de gênero e do lugar imposto ao corpo LGBTQ+.

Sueli Marques Ferraz é de Araguaína (TO), doutoranda em Sociedade e Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará e também membro da Academia de Letras de Araguaína (ACALANTO). Pela editora Nagô, publicou *Contos dos Sertões: saudades, tristeza e amor*, obra que traz contos e poesias que dialogam com as suas vivências. Além deste, Sueli também é autora de *Luz de minhas memórias*, coletânea de poemas em homenagem à sua mãe. Dentre os temas que apresenta com recorrência estão o amor, a memória e a vida sertaneja.

Telma Cunha é de São Francisco (PA) e, entre as autoras até aqui colocadas, é a que possui maior número de obras lançadas. Pela Amo! Editora, publicou o livro de poesias *Voo de Borboleta*; Pela Paka-Tatu, outros três: *Voo de borboleta* e *A cadeira mágica*, ambos voltados ao público infantil, e *Pérola oculta e outros poemas*, de poesia. Além destes, publicou também um livro de crônicas intitulado *Folhas soltas*, um livro de poemas eróticos, *Sob os lençóis de Eros*, e *Pé ante pétalas*, poesia que se volta ao sentimento de dor advinda da Covid-19. Seus temas se relacionam com os direitos da criança, da mulher e da pessoa com deficiência.

Considerações Finais

Se, por um lado, os dados coletados e sistematizados indicam continuidades estruturais desiguais, seja entre as regiões do Brasil ou entre as cidades que compõem a região Norte, seja entre os gêneros e as perspectivas étnico-raciais, o mapeamento de obras de autoras negras publicadas por editoras nortistas aponta para um paulatino (ainda que muito lento e tardio) soerguimento dessas mulheres escritoras nesses catálogos. Para retomarmos o título do livro

organizado por Sampaio, *O fim do silêncio* (2011), talvez seja precipitado (no caso do mercado editorial nortista e quando se encara o recorte de gênero e étnico-racial) falarmos em fim do silêncio na literatura produzida por mulheres negras nessa porção do país, o que poderia indicar um retrato geral do Brasil, resguardadas as proporções dessa desigualdade em cada região.

Não podemos negar que a virada para esta década do século XXI apresenta-se como momento favorável a publicações, as quais se dão de forma continuada até 2024, ano vigente, e espera-se que avancem mais ainda nos anos posteriores. Esse crescimento é iminente, por uma série de razões: os debates acadêmicos acerca da literatura negro-brasileira, a popularização de obras de autoria negra, a valorização da memória de autoras negras pioneiras, o surgimento e concretização de editoras segmentadas, a possibilidade de divulgação das obras nas redes sociais, entre outros fatores. A partir de tais indícios, espera-se que logo, logo, possamos ouvir ecoar a voz da literatura negra de autoria feminina em editoras da região Norte do país.

No campo das pesquisas literárias, faz-se indispensável, portanto, pensarmos criticamente, em trabalhos posteriores, sob quais condições as autoras negras aqui relatadas puderam lançar suas obras. Ao nos debruçarmos, além das obras, em conhecer um pouco sobre as mulheres que as escreveram, é notável que um número significativo delas tem formação acadêmica, principalmente na área das letras. Outras se vinculam à docência e/ou a diferentes pesquisas, vez ou outra voltadas a questões raciais. Isso nos leva a supor que a educação, sobretudo o acesso ao ensino superior, proporcionou acesso ao livro e à escrita criativa. Dessa forma, independente do lugar social e econômico em que estão inseridas, as autoras são tocadas pela literatura e produzem. Também se torna necessário, em pesquisas vindouras, investigar a projeção dessas autoras e de suas obras entre o público leitor (seja o das suas cidades, seja o da região ou do país). Por fim, estudos focados nas obras, isto é, uma produção crítico-literária em torno das obras identificadas poderia delinear com mais profundidade os diferentes projetos estéticos, as filiações artístico-culturais, os temas e as abordagens presentes nos enredos ou nas poéticas.

Referências

ARAUJO, Tereza Cristina N. A classificação da cor nas pesquisas do IBGE: notas para uma discussão. **Caderno de Pesquisa**, 63, nov., p. 14-16, 1987.

BENCHIMOL, Samuel. Influência Afro-Brasileira. In: BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Editora Valer/ Editora da Universidade do Amazonas, 1999. p. 103-133.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2022: população e domicílios: primeiros resultados/IBGE**, Coordenação Técnica do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102011> Acesso em: 27 ago. 2024.

CARNEIRO, Silvio (Org.). **Antologia Muruwakã: Poetas do Amapá**. Amapá: O Zezeu, 2024.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

LOUREIRO, Violeta. **Amazônia colônia do Brasil**. São Paulo: Editora Atma, 2022.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional vs identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2019.

OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristine. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2023.

SAMPAIO, Patrícia Melo (Org.). **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia**. Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.

SANSONE, Livio. Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda. **Afro-Ásia**, 18, p. 165-187, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20904> Acesso em: 27 set. 2024.

SANTOS, Mirian Cristina. **Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.